

ORGANIZAÇÃO SIMPLISTA INCAPACITA DIRECÇÃO

Por António Seno

Realmente o CAIL, a palavra o diz, é complexo. Mas do ponto de vista da estrutura que aqui nos foi apresentada, em particular no relatório, está tudo muito simples. Tão simples que como está, nada se pode controlar. Este parecer de um dos participantes na reunião de balanço do CAIL pretende sublinhar o actual nível de organização do maior complexo agro-industrial do país que, como também foi dito à margem do encontro, se caracteriza por uma organização tipo cantineiro.

O problema da organização do CAIL foi particularmente colocado pelo Secretário de Estado para a Região do Limpopo e Incomati, Rui Gonzalez, o qual preconizou como medida decisiva para se poder começar a inverter a evolução negativa verificada particularmente nos últimos dois anos, a necessidade de uma organização e gestão mais descentralizada.

Sentimos que uma empresa desta envergadura, tem de ter uma gestão descentralizada. Não é possível de facto manter a situação que se vem verificando sem os estrangulamentos que neste momento já se estão a produzir. Não é possível que quatro pessoas desta empresa passem a vida a correr para Maputo pretendendo falar com as muitas e várias empresas e estruturas — disse Rui Gonzalez.

O Secretário de Estado para o Limpopo e Incomati considerou, como questão «muito importante» a necessidade de uma reflexão sobre a forma de adequar a gestão e organização à dimensão da empresa e em particular dentro de uma perspectiva de qualidade que não queremos.

O CAIL «é, precisamente, um empreendimento com uma área agrícola de parte de

16 900 hectares, distribuídos por quatro filiais separadas umas das outras uma bona quilómetros. Tem milhares de cabeças de diverso tipo de gado localizadas em diferentes áreas.

Possui meia dúzia de unidades industriais, cada uma com as suas produções bem distintas e problemas bem específicos. Tem também a maior concentração de maquinaria

agrícola de todo o país com as mais variadas origens e funções. Tem ainda responsabilidades no apoio às cooperativas localizadas na sua zona de influência. Finalmente, e como consequência, não há praticamente estrutura ou empresa do país que não tenha de se eleccionar com o CAIL.

Dirigir tudo isto assentando apenas numa direcção central, constitui sem dúvida um dos mais hábeis malebarismos de que temos conhecimento na história da gestão empresarial.

Na prática, o responsável dum empreendimento destes não pode assumir as suas responsabilidades. Já foi visto à procura dos tractores para o complexo, perdidos alguns num dos recintos dos Caminhos de Ferro em Maputo. Também foi visto a contar sacos de arroz no campo e a tentar com a ajuda ou ajudando um mecânico a descobrir a avaria num tractor. Vimo-lo também a realizar funções de protocolo.

Pela forma como o CAIL está organizado o que acabámos de descrever ilustra as condições em que a direcção do CAIL funciona. Esta dispersão e confusão de funções não deixa de ter os seus reflexos em aspectos que já não podemos caricaturizar por serem demasiado graves.

Sem água certa no momento certo, seguramente que não há arroz em grande escala. Contudo, no CAIL, ninguém se ocupa do problema da quantidade de água a utilizar. E isto é um factor decisivo no rendimento do arroz. Em termos de números poder-se-ia ver em quantos milhares de hectares sementeiras de arroz se faz a primeira rega nos três ou quatro dias logo depois da sementeira? E que não se trata de semente por semente. Semente-se para que germine. E quando germina há um ciclo bem definido que tem de ser respeitado — observou um dos participantes à reunião.



Não há arroz sem água bem administrada, contudo, no CAIL, ninguém se ocupa de administrar a água. (Foto de C. Alberto)